

# GEOCIÊNCIAS

NOVEMBRO / 2001

6

CADERNOS DE

- Homenagem ao Professor Milton Santos
- Artigos
- Resumos de Dissertações de Mestrado



INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS-UFBA

CADERNOS DE  
GEOCIÊNCIAS

NOVEMBRO / 2001 - Nº 6



INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

## NOTA DO CONSELHO EDITORIAL

Os trabalhos publicados podem ser reproduzidos, no todo ou em parte, com a condição de serem acompanhados do nome do autor, do registro "Reprodução dos CADERNOS DE GEOCIÊNCIAS" e indicação da data. Três cópias deverão ser enviadas ao Instituto de Geociências.

Os trabalhos publicados nos CADERNOS DE GEOCIÊNCIAS são de inteira responsabilidade dos autores e não exprimem necessariamente a opinião do Instituto de Geociências ou do Conselho Editorial.

Cadernos de Geociências / Instituto de Geociências da  
Universidade da Bahia - Vol. I nº 1 (jan. 1992); nº 2  
(mai. 1992); nº 3 (dez. 1992); nº 4 (nov. 1993); nº 5  
(nov. 1996); nº 6 (nov. 2001)  
Salvador; GEO, UFBA. 2001  
212 p. il.; 22cm

ISSN 0104-2327

I. Geociências - Periódicos I. Universidade Federal da Bahia.  
Instituto de Geociências

CDU 55:91(05)

Tiragem: 1000 exemplares

Rua Barão de Geremoabo, s/nº  
Campus Universitário de Ondina  
40.170.290 - Salvador - Bahia  
Tels.: 247-2566\* - 247-2775\*  
Fax: (071) 247-2486

## Editorial

*Com o aprofundamento da crise financeira a que têm sido submetidas as instituições federais brasileiras de ensino superior nos últimos cinco anos, ficou inviabilizada a continuidade da publicação desta Revista. Cabe registrar que durante este intervalo de tempo, foram feitas várias tentativas de voltar a publicar nossa Revista, o que só agora tornou-se possível. Daí nossa grande satisfação com a publicação do sexto volume dos "Cadernos de Geociências".*

*A partir deste volume, os editores decidiram aceitar alguns trabalhos científicos mais aprofundados, sem no entanto alterar substancialmente o caráter original da Revista, como instrumento de divulgação de reflexões e idéias relacionadas ao campo das Geociências. Dentro desta nova perspectiva, o leitor notará a inclusão de uma nova seção, constando de resumos das Dissertações e Teses defendidas nos diversos Cursos de Pós-Graduação do Instituto de Geociências da UFBA.*

*Iniciando esta edição, não poderíamos deixar de prestar uma Homenagem especial ao Dr. MILTON SANTOS, professor do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da UFBA e da USP, recentemente falecido. Foi professor em várias universidades estrangeiras, escreveu mais de 50 livros e recebeu mais de 20 títulos de Doutor Honoris Causa. Por sua atuação e realizações foi sem dúvida o mais importante geógrafo-filósofo brasileiro contemporâneo e um intelectual respeitado em todo o mundo.*

*Não podemos deixar de registrar que a retomada da publicação dos CADERNOS DE GEOCIÊNCIAS só foi possível graças ao esforço coletivo dos Editores e do Conselho Editorial em conjunto com o apoio decisivo da Companhia Bahiana de Pesquisa Mineral - CBPM, da Secretaria da Indústria, Comércio e Mineração do Governo do Estado da Bahia. Por último, queremos assinalar que estamos resgatando uma grande dívida para com alguns dos autores que colaboraram com esta edição, cujos trabalhos esperaram tanto tempo para sua publicação.*

Novembro, 2001

Francisco José Gomes Mesquita Osmário Rezende Leite  
Editores Responsáveis

## EDITORES RESPONSÁVEIS

Francisco José Gomes Mesquita  
Osmário Rezende Leite

## EDITOR EXECUTIVO

Teodora M<sup>a</sup> Conceição Rocha

## CONSELHO EDITORIAL

Amalvina Costa Barbosa  
Dária M<sup>a</sup> Cardoso Nascimento  
Délio José Ferraz Pinheiro  
Ilson Guimarães Carvalho  
Joil José Celino  
Maria Auxiliadora da Silva  
Maria José Marinho Rêgo  
Neyde M<sup>a</sup> Santos Gonçalves  
Pascal Jean Michel Motti  
Sylvio Bandeira de Mello e Silva  
Wilson Mouzar Figueiró

## CONSULTORIA "AD HOC"

Herbert Conceição  
Angela Beatriz de Menezes Leal

## PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Helida Rocha Conceição

## IMPRESSÃO

PRESSCOLOR Gráficos Especializados Ltda.

# SUMÁRIO

## HOMENAGEM

Milton Santos

*Maria Auxiliadora da Silva*

11

## ARTIGOS

- **A Geografia através da Literatura: duas abordagens do Romance "Corta Braço"** 27  
*Amenair Moreira Silva, Ednúsia .M.C. Santos e Sandra Regina Martins*
- **A importância das Controvérsias Geológicas no Ensino de Geologia: exemplo do Modelo Fixista à Tectônica de Placas** 41  
*Joil José Celino e Osmário Rezende Leite*
- **E qual o lugar da Geografia Regional no contexto atual da Geografia?** 59  
*Angelo Serpa*
- **Mundialização Soteropolitana: Turismo, Carnaval e Venda da Cidade** 81  
*Clímaco Dias*
- **Petrologia e Mineraloquímica dos Granitóides Peraluminosos com Cordierita no Extremo Sul da Bahia** 99  
*Joil José Celino e Nilson Francisquini Botelho*
- **Reforma Agrária: Ações Públicas e Movimentos Sociais** 133  
*Guiomar I. Germani*
- **Transformações das Composições Químicas dos Minerais nas Rochas da Interface Anortosito/Dolerito do Maciço Anortosítico de Potiraguá, Bahia** 145  
*Bordini, R.M., Cruz, M.J.M, Merlet, C.*
- **Uma Análise Geográfica na Literatura Amadiana: o Romance Mar Morto e a Geografia Humanística** 157  
*Margarete Rodrigues Neves Oliveira, M<sup>a</sup> Madalena Noronha e Alesselma Pereira*
- **Atenuação de Múltiplas do Fundo do Mar e Migração Pré-empilhamento no Domínio das Ondas Planas.** 165  
*João Roberto Simões Bezerra dos Santos*

<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Aplicação da Coerência Sísmica à Detecção de Feições Estratigráficas e Estruturais</b> <i>Raul Dias Damasceno</i></li> </ul>	167	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Batólito Trondhjemítico de Nordestina: Geologia, Petrografia e Litogeoquímica de uma Intrusão Paleoproterozóica</b> <i>Basílio Elesbão da Cruz Filho</i></li> </ul>	193
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Inversão Híbrida de Dados Sísmicos</b> <i>Vânia Lúcia de Albuquerque Machado</i></li> </ul>	169	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Estudo Geoquímico do Cobre na Coluna D'Água da Região Oceânica Brasileira, Cadeia Vitória – Trindade.</b> <i>Carlos Roberto Santos Silva</i></li> </ul>	195
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Conversão tempo-profundidade utilizando Imageamento tipo Kirchhoff</b> <i>Neiva Terezinha Zago</i></li> </ul>	171	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Avaliação de Impactos da Agricultura Intensiva Irrigada sobre as Propriedades Físicas e Químicas de Solos da Microrregião de Irecê-Bahia.</b> <i>Antônio Mário Reis de Azevedo Coutinho</i></li> </ul>	197
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Cidade Alta em Alta? Circuitos e Cenários das Dimâmicas Comerciais do Centro Velho de Salvador</b> <i>Noorma Maria Heinonen</i></li> </ul>	173	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Caracterização Geoquímica do Manguezal da Região Estuarina do Rio Sauípe, Litoral Norte da Bahia</b> <i>Daniela Reitermajer</i></li> </ul>	199
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>A Questão dos Meninos/as de Rua no Brasil e em Salvador: uma Análise Sócio-histórica e Territorial</b> <i>Carlos José de Almeida Santana</i></li> </ul>	175	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>O Maciço Anortosítico de Carapussê, Itamarí – Bahia</b> <i>Eron Pires Macêdo.</i></li> </ul>	201
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Impacto da Modernização da Agricultura no Oeste Baiano: Repercurssão no Espaço do Cerrado a partir da Década de 80</b> <i>Clóvis Caribé Menezes dos Santos</i></li> </ul>	177	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Dinâmica Geoquímica de Metais no Manguezal e sua Interação com o Molusco Bivalve Anomalocardia Brasileira na Bahia de Camamu: Subsídios a um Programa de Monitoramento Relacionado a Organismos Comestíveis Provenientes de Zonas de Manguezal do Estado da Bahia – Brasil.</b> <i>Jefferson Cerqueira Viana</i></li> </ul>	203
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>No Limiar da Praça - uma Forma de redescobrir Salvador</b> <i>Marlene Pires D'Aragão Carneiro</i></li> </ul>	179	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Caracterização Biogeoquímica dos Manguezais do Estuário do Rio Joanes - Lauro de Freitas - Bahia.</b> <i>Maria do Carmo Filardi Barbosa</i></li> </ul>	205
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Territorialidade da Universidade do Estado da Bahia - UNEB no Espaço Baiano: uma análise geográfica da UNEB em Santo Antonio de Jesus</b> <i>Sonia Marise Rodrigues Pereira Tomazoni</i></li> </ul>	181	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Geomorfologia e Meio Ambiente em Região Tropical Semi-Árida Município de Araci – Bahia.</b> <i>Rita de Cássia Ferreira Hagge</i></li> </ul>	207
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>O Centro Histórico de Salvador e os Discursos para a Montagem dos Cenários</b> <i>Tania Regina Santos Braga</i></li> </ul>	183	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Influência do Enxofre na Fisiologia de Mangifera Indica L. cv. Espada em Áreas de Solos Contaminados pela Poluição Área na Região do Pólo Petroquímico de Camaçari-Bahia.</b> <i>Vanusa Sousa Almeida</i></li> </ul>	209
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Petrografia, Litogeoquímica e Idade do Magmatismo Alcalino Metaluminoso a Peraluminoso Tardio da Parte Sudoeste do Núcleo Serrinha (Bahia): Granitos tipo Morro do Lopes</b> <i>Adriana Almeida de Peixoto</i></li> </ul>	185	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Normas Editoriais</b></li> </ul>	211
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Estudo Geoquímico em Sedimentos do Trecho do Oceano Atlântico de Salvador (Bahia) e Cabo de São Tomé (Rio de Janeiro)</b> <i>Astério Ribeiro Pessoa Neto</i></li> </ul>	187		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Diagnóstico Geoambiental de zonas de Manguezal do Estuário do Rio Itanhém, Município de Alcobaça - Região Extremo Sul do Estado da Bahia</b> <i>Bárbara Rosemar Nascimento de Araújo</i></li> </ul>	189		



## Milton Santos

*Maria Auxiliadora da Silva\**

Brotas de Macaúbas, Chapada Diamantina, 3 de maio de 1926, nasce Milton Santos, filho de Adalgisa Umbelina de Almeida Santos e Francisco Irineu dos Santos, ambos professores primários formados pelo ICEIA. No ano de seu nascimento, o Brasil passa por uma grande agitação política e social, com a impopularidade do então Presidente da República Artur Bernardes e a eleição de Washington Luís. É a época da Coluna Prestes.

A família de sua mãe, cujos pais eram também professores primários, gozava de prestígio por onde passava. Já a família paterna era mais humilde e descendia de escravos. Os pais de Milton sabiam que o caminho para a liberdade era a educação. Conheceram-se em 1921, a poucos dias da festa de formatura do Sr. Francisco, na Escola Normal de Salvador. D. Adalgisa ingressaria na mesma escola em 1924, casando-se nesse mesmo ano.

Partiram, então, para Brotas de Macaúbas, onde morava um irmão mais velho de D. Adalgisa, Dr. Agenor, advogado brilhante na região, conhecedor do latim e do grego. Sua clientela era importante, e seu projeto de vida deu certo, a ponto de ser proprietário de um Ford Bigode, que às vezes desaparecia de circulação, já que a gasolina vinha de Salvador e nem sempre chegava regularmente.

O curso primário, Milton o fez em Alcobaça, com os pais, que lhe ensinaram o francês, entre os oito e dez anos. Ali nasceram Nailton e Yeda, seus irmãos. Aos 10 anos, prestou exame de admissão no Instituto Baiano de Ensino, tradicional colégio de Salvador, dirigido pelo Professor Hugo Balthazar da Silveira. Passou em primeiro lugar e foi aceito como aluno interno. Pela primeira vez longe da família, conhece o significado da palavra saudade. Foi colega e amigo de Dr. Geraldo Milton da Silveira,

---

\*Professora do Departamento e do Mestrado em Geografia do IGEO-UFBA

Dezildo Menezes Pereira, Methódio Coelho, Bernardo Leone, entre outros. Criou e dirigiu o jornal "O Farol", que promovia debates literários e difundia conceitos filosóficos. Mais tarde fundou "O Luzeiro", para o qual "redigia textos, incentivava os colegas a fazê-los, revisava-os, fazia a paginação e distribuía o jornal", segundo Geraldo Milton, que acrescenta: "Nele eram publicadas obras de romancistas, contistas, poetas pobres e iniciantes e literatura de cordel."

"Na minha geração, ser cultivado fazia parte da vida". Havia o culto a escritores e intelectuais, como Castro Alves, Rui Barbosa, Gilberto Freyre, Machado de Assis, Eça de Queiroz, cujas obras eram lidas e comentadas. Milton Santos sempre se distinguiu em Matemática e Filosofia. Na Geografia, era admirador de Josué de Castro, que descobriu através de seu professor do Curso secundário, Oswaldo Imbassay. Bem mais tarde, os dois, Milton e Josué, exilados na França, reencontraram-se, infelizmente pouco tempo, pois Josué veio a falecer, sem receber as homenagens que o Brasil lhe devia. Nessa época, como Milton costumava dizer, a Bahia era uma "ilha", uma cultura não industrializada.

Terminado o curso no Baiano de Ensino, Milton se preparava, no Colégio da Bahia, para entrar na Faculdade. A influência do tio Agenor foi fundamental na escolha da carreira. Milton fez a Faculdade de Direito. O Brasil declarava guerra aos países do eixo, Alemanha, Itália e Japão. Nessa época, criou o PEP – Partido Estudantil Popular e a ABES (Associação Brasileira de Estudantes Secundaristas, uma alternativa da UNE). Chegou a ser candidato à presidência da UNE, mas foi aconselhado a trocar sua candidatura para vice, deixando a presidência para um amigo comunista, Mário Alves, com o argumento de que um negro teria dificuldades em interagir com as autoridades. A chapa foi eleita, Milton aceitou o cargo de vice, mas nunca esqueceu esse fato. Participa também da embaixada pró-construção do mausoléu de Castro Alves, e sai com caravana de estudantes pelo interior do Estado, para arrecadar fundos. Foi seu companheiro, entre outros, Geraldo Milton. Nessa ocasião, ministrava aulas de Geografia Humana, explicando aos alunos "os novos rumos das relações políticas que a guerra vinha determinando no planeta."

Já na Faculdade de Direito, Milton empolgava seus colegas com discursos pela democracia. De seu grupo de intelectuais faziam parte Fernando Santana, João Falcão, Jacó Gorender, entre outros. O término do curso de Direito coincide com a morte do seu tio Agenor, numa travessia do Rio São Francisco, quando voltava de Salvador, onde fora articular sua campanha para deputado estadual. Um episódio entre dois grupos pela disputa do grêmio estudantil fez com que Simões Filho, ex-ministro da educação e dono do poderoso jornal A TARDE, conhecesse Milton e o convidasse para trabalhar na redação do jornal quando terminasse a Fa-

culdade. Esse foi o início de uma amizade profunda e duradoura entre os dois. Era uma época movimentada, com o fim do Estado Novo e da 2ª Guerra Mundial.

Os pais de Milton, após a longa estada no interior, voltaram para Salvador em 1940, estabelecendo-se na casa de D. Maria José, tia de Milton, no Gravatá, localidade no entorno da Baixa dos Sapateiros. Poucos anos depois, com financiamento da Caixa Econômica, compram a casa da Estrada da Rainha, onde fundaram uma escolinha que até hoje funciona sob a direção da Profª. Altair Gabrielli, prima de Milton.

Depois de formado, Milton foi professor de Geografia do ICEIA e do Colégio Central. Submeteu-se a concurso com a tese *Povoamento da Bahia*, passando, então, a ocupar, como catedrático, a cadeira de Geografia Humana do Ginásio Municipal de Ilhéus, ocasião em que já era correspondente do jornal A TARDE. A maneira como descrevia os fatos e a elegância dos textos fez de Simões Filho um seu admirador. Auta Rosa Calazans Neto, em conversa informal, conta que, ainda menina, no colégio das freiras, ela e suas colegas, em Ilhéus, admiravam aquele professor que dava aulas no Ginásio Estadual, sempre elegantemente vestido, sem dispensar o colete. Uma dessas meninas, Maria da Conceição Malta (morta recentemente), veio a ser, posteriormente, uma das suas colaboradoras no Laboratório que mais tarde seria fundado para os trabalhos de pesquisa em Geografia na UFBA. Incentivada por ele, como o foram muitos outros, seguiu para França, para curso de Pós-Graduação, onde se casa, tornando-se Lecarpentier. Recebeu apoio intelectual e financeiro do Dr. Milton e da "família" do Laboratório para a primeira viagem à França. Durante todo tempo, permaneceram sempre amigos.

Ilhéus foi fundamental para Milton. Lá ele escreve artigos de grande importância para o jornal e publica o livro "A Zona do Cacau", onde já aconselha veementemente as autoridades e os proprietários de terra a abandonarem a monocultura, sob pena de sofrerem um desastre econômico mais tarde. Nessa época, começa a se interessar pela AGB, Associação de Geógrafos Brasileiros, após uma das viagens ao Rio de Janeiro para curso de férias promovido pelo IBGE e onde conhece Aroldo de Azevedo e outros grandes nomes da Geografia da época.

É em Ilhéus também que conhece Jandira Rocha, com quem se casa e tem o primeiro filho, Milton Santos Filho mais tarde, brilhante professor da Faculdade de Economia da UFBA e ex-Secretário de Finanças da gestão Lídice da Mata. Milton Filho, falecido prematuramente em plena fase de produção intelectual, foi casado com a Ana Fernandes, professora doutora, atual diretora da Faculdade de Arquitetura da UFBA, com quem teve dois filhos, Nina e Alei. A morte de seu filho em 96, bem como a de seu irmão Nailton, pouco depois, é um duro golpe para esse homem tão



ligado aos dois. Por volta de 1955 ou 56, vem para Salvador já casado, e assiste à formatura de Nailton, seu irmão, também bacharel em Direito. Yeda, sua irmã, então estudante de Medicina, ministrava cursos de inglês, alemão, latim, e espanhol na casa da Estrada da Rainha. Milton aluga um apartamento no Loteamento Lanat, muda-se em seguida para o Tororó, e, finalmente, para o Chame-Chame.

A essa época, ocupava o cargo de editorialista do jornal A TARDE e de professor da Faculdade Católica de Filosofia, cujo diretor, Irmão Gonzaga, dedicava uma grande amizade e admiração ao jovem professor. Do jornal A TARDE tinha como amigos o professor Ari Guimarães e Jorge Calmon, esse último, redator chefe do jornal. Nesse tempo, as amizades tinham um significado maior. Durante o tempo em que permaneceu nesse jornal, escreveu 116 artigos versando sobre a zona do cacau, a cidade do Salvador, Europa e África e outros temas locais e globais. A formação de Milton muito se deve a Simões Filho, cuja admiração era mútua. Uma grande e afetuosa família: esse era o caráter que Simões Filho quis imprimir à redação do seu jornal. Mais tarde, esse exemplo seria seguido por Milton Santos, com sua equipe do Laboratório de Pesquisa em Geografia, fundado em 1959.

Em 1956 por ocasião do Congresso Internacional de Geografia no Rio de Janeiro, Milton encontra-se com os grandes geógrafos que já conhecia por suas obras, tais como Orlando Ribeiro, de Portugal, Pierre Monbeig, Pierre Deffontaines, Pierre Birot, André Cailleux e o seu mestre maior Jean Tricart. “Com ele aprendi o rigor, a vontade de disciplina, a obediência a projetos e o gosto de discutir” dizia Milton. Impressionado com a inteligência e a cultura do jovem professor, Tricart, convidou-o para um curso de Doutorado no Instituto de Geografia da Universidade de Strasbourg, um dos mais renomados da Europa. Assim, Milton Santos fez a sua primeira grande travessia do Atlântico, em direção ao que seria, mais tarde, seu segundo país, ao recebê-lo, anos depois, como exilado.

Em Strasbourg, apesar de ser tratado como professor, tinha contatos diretos e agradáveis com os estudantes do mundo inteiro que frequentavam essa grande Universidade. Sobre ele, escreveu o professor Tricart: “O humor, a alegria, e o sorriso de Milton, classificado como inimitável, conquistaram a simpatia de toda a equipe da Universidade”. Milton Santos costumava dizer que essa primeira longa viagem foi a “grande mudança da sua visão de mundo e na sua concepção política. A partir da Europa, seguiu para o seu primeiro contato com a África, e a compreensão dos dois continentes o inspirou a escrever “Marianne em preto e branco” (Marianne, figura feminina, que simboliza a França), publicado em 1960. Diz Milton, “...a herança francesa é muito forte, embora eu tente me libertar dela até com certa brutalidade. Mas ela é responsável por um

*estilo independente que aprendi com Sartre, distante de toda forma de militância, exceto a das idéias”.*

Volta à Bahia, após defender com brilhantismo sua tese de doutorado “O Centro da Cidade do Salvador”, um clássico da Geografia, tão atual como se fosse hoje escrito. Ainda como professor da Faculdade Católica de Filosofia, trazia professores franceses (Jean Tricart, Pierre George, Jacqueline Beaujeu-Garnier, Etienne Juillard, Michel Rochefort, Pierre Monbeig, Guy Lassèrre, Bernard Kayser, dentre outros), portugueses (Orlando Ribeiro, Raquel Soeiro de Brito, Fernandes Martins e outros) e brasileiros (Manoel Correia de Andrade, Araújo Filho, Aziz Ab'Saber, Aroldo de Azevedo, Orlando Valverde, Penteadó, Luís Rodrigues e Lyzia e Nilo Bernardes, entre outros) para conferências abertas ao público. Entre esses professores encontravam-se também as jovens professoras Teresa Cardoso da Silva, Nilda Guerra de Macedo e Ana Dias da Silva Carvalho, as duas primeiras também recém-doutoras por Strasbourg. Em fins da década de 50, Milton inscreve-se no concurso para livre docência da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia mas, surpreendentemente, o concurso não se realiza, por razões que o professor Délio Pinheiro classifica como vinculadas a uma “oligárquica e segregacionista sociedade baiana de belas gravatas e verdades encobertas.” Milton Santos recorre à justiça, tendo como advogado o então Deputado Federal e futuro Senador Nelson Carneiro, vencendo em todas as instâncias e tendo se submetido com brilhantismo ao concurso em 1960, com a tese “Os Estudos Regionais e o Futuro da Geografia”.

Após a chegada à Bahia, em 1958, vindo da França, instala seu escritório no Edifício Antônio Ferreira, na rua Chile. Nessa ocasião, conhece, numa cerimônia, o então reitor da Universidade da Bahia Edgard Santos. Como é de costume na França o cumprimento com um aperto de mão, Milton faz esse gesto em direção ao Reitor, tido como aristocrata, que fica impressionado com o gesto, com a simpatia e elegância do jovem professor e, por isso, num encontro dias depois, encarregou-o de organizar um grupo de pesquisa, em cujo nome, entretanto não deveria figurar a palavra Geografia, já que a direção não seria dos professores da Faculdade. Assim, com o apoio do reitor Edgard Santos e do encontro como o professor Tricart, no Hotel da Bahia (único hotel moderno da cidade daquele tempo), representando a Cooperação Técnica Francesa, cria-se o Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais da Universidade da Bahia em 1º de Janeiro de 1959. A França – com o General De Gaulle na Presidência e o Ministro da Educação, André Malraux – abria-se, sobretudo para a América Latina. A essa altura, com equipe já organizada, formada pelas três jovens professoras acima citadas, por jovens estudantes de Geografia e de História e por recém-formados, inicia-se a fase da

pesquisa de Geografia da Bahia, cujo ensino, na Universidade da Bahia, já contava com nomes de peso como o dos professores Dalmo Guimarães Pontual e Waldir Freitas Oliveira. Para sediar os trabalhos do grupo, o professor Hélio Simões cedeu um espaço do seu laboratório de Estudos Portugueses, nos fundos da Faculdade de Filosofia. Nesse mesmo ano, Milton Santos organiza o IV Colóquio Internacional Luso-Brasileiro, com o patrocínio da Universidade da Bahia e da UNESCO. Nessa ocasião, professores vindos de várias partes do mundo trocaram idéias no campo da Geografia e das ciências sociais.

A década de 60 pode ser considerada como a época áurea de Geografia na Bahia, pois o Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais representou uma proposta acadêmica renovadora. Nele, a ciência geográfica era tratada não apenas como técnica, mas com reflexão. Além de atrair jovens vindos de todo o Brasil e da França, no Laboratório, a motivação era constante: trabalhos de campo, seminários, cursos, apresentações de trabalhos, leituras comentadas, reuniões científicas, enfim, um ambiente de efervescência cultural e científica. Estudos e diagnósticos sobre Salvador e o Estado da Bahia foram realizados pela equipe, a partir de solicitações de organismos administrativos. O ambiente era de troca intelectual sem competições negativas. Dessa forma, Milton Santos promove a Geografia ao *status* de disciplina nobre, aproximando-a de outras ciências: política, economia, história, sociologia e filosofia.

É desse tempo (entre 1959 e 1964) o trabalho exaustivo denominado Programa de Estudos Geomorfológicos e de Geografia Humana da bacia do Rio Paraguaçu, estudo que teve o objetivo de contribuir para a melhoria das condições de vida das populações locais, realizado por solicitação da Comissão de Planejamento do Estado e com o apoio do Instituto Joaquim Nabuco de Pernambuco. Um outro grande projeto foi o estudo sobre o uso da terra nas zonas cacaueteira e ocidental do recôncavo, para o Serviço Social Rural, já com análise aerofotogramétrica. Entre 1958 e 1964 foram publicados mais de 60 títulos, livros e artigos de revistas, de autoria de professores brasileiros e estrangeiros. Os deslocamentos eram feitos em um **Citroën deux-chevaux**, modelo especial para trabalho de campo, oferecido pela Cooperação Francesa, que também doou equipamento para o LGERUB, e no ônibus da recém fundada Escola de Geologia da Universidade.

Era nessa época que o Dr. Thales de Azevedo, então diretor da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência, na Bahia, mantinha um seminário freqüentado por sociólogos, geógrafos, economistas, antropólogos. Nele, distinguiam-se intelectuais como Jorge Calmon, Frederico Edelweiss, Raymond Vander Haegen, cônsul da França e diretor da excelente Casa da França, Clarival do Prado Valadares, Pinto de Aguiar, Luis Navar-

ro de Brito, Valentin Calderon, José Calazans, Luis Henrique Tavares, Edite da Gama e Abreu, Isaías Alves, Lísia e Vital Duarte, Fernando Santana, e os muito jovens Fernando Pedrão, Severo Salles e Remy de Souza, entre outros. Nesse ambiente, cria-se o Boletim Baiano de Geografia, que se manteve até 1969, que publicava artigos de geógrafos do Brasil e da França.

Nessa época, destacam-se, ainda outros centros de ensino e pesquisa, tais como o Instituto de Economia e Finanças, o Gabinete de Estudos Portugueses, o Laboratório de Fonética e o Gabinete de Filologia Românica.

Durante todo esse período, a equipe do laboratório participava ativamente das reuniões anuais da Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB) nas quais se estudava, exaustivamente, a cidade sede do encontro e seu entorno. Durante 15 dias a AGB era um espaço intelectual importante na época. Em 63, Milton Santos foi eleito presidente da AGB não sem enfrentar, em Penedo-Alagoas, sede da reunião da AGB em 1962, preconceitos quanto à sua candidatura, sendo veementemente defendido, na ocasião, por Caio Prado Júnior, então editor da *Brasiliense*. Um ano depois, realizou-se com grande sucesso a AGB em Jequié, sob a presidência de Milton.

A brilhante carreira do Professor tomou vários rumos quando Jânio Quadros, eleito Presidente da República, mostrou desejo de levar, na sua viagem a Cuba, um dos redatores do jornal *A TARDE*, e o Prof. Jorge Calmon, redator-chefe do jornal, indicou Milton Santos. Essa viagem aproximou os dois, Jânio e Milton, e, logo após ser empossado, Jânio o convidou para ser subchefe da casa civil na Bahia, cargo que exerceu durante o curto mandato do presidente. Nessa ocasião, propôs a Jânio medidas como punições a bancos e exportadores e imposto sobre as grandes fortunas, o que foi acatado pelo presidente.

Logo depois, o governador Lomanto Júnior o nomeou presidente da Comissão de Planejamento Econômico (CPE), cargo que ele deixou em 1964. Durante o exercício desse cargo, entre 1963 e 1964, Milton Santos tratou de temas de política econômica e planejamento regional, a partir de uma perspectiva científica, utilizando-se da linguagem acadêmica. Apesar de exercer cargos tão importantes, nunca negligenciou seu trabalho no Laboratório. Aquela casa de pesquisa e de trabalho funcionava como uma grande família, onde a confiança, a solidariedade e o companheirismo eram a tônica. Todos que desejaram tiveram a oportunidade de realizar cursos de pós-graduação na França ou na África, desenvolvendo suas aptidões, sempre estimulados pelo prof. Milton Santos, que transmitia, além de ensinamentos, motivações e autoconfiança, através do pensamento autônomo, crítico e criativo. Com sua capacidade incontestada de

gestor, compreendia diferenças e incentivava a produção.

A implantação de uma nova filosofia de trabalho em Geografia, até então inexistente no Brasil, abre espaços para a geração de pesquisas, capazes de movimentar outras mentes e acionar novas idéias.

Em meio a esse clima, é colhido pela longa noite iniciada em 1964. Avisado de que corria perigo, é convidado pelo prof. Van der Haegen, cônsul honorário da França, para abrigar-se em sua casa, ao tempo em que Nailton, seu irmão, é acolhido na casa de Celso Furtado. De nada adiantou para Milton, enquanto Nailton, ainda em abril, partia para o México de onde, só lá chegando, comunicou-se com a família, Milton era preso e enviado para o 19 BC, no Cabula, um fim de mundo, na época, onde parte de sua equipe do laboratório e seus amigos iam diariamente visitá-lo, sem poder aproximar-se muito. Com ele, na cela, no “espaço doméstico”, ficaram Auto de Castro, professor de Filosofia da Universidade da Bahia, e o engenheiro Ernesto Dremher, superintendente da Refinaria Landulfo Alves, de Mataripe.

Sobre Milton, diz Auto de Castro: “Em 1949, conheci Milton. A Bahia, nessa época, era muito pequena. Havia uma convergência social para a rua Chile; a elite da Bahia se reunia no Café de Bernadete, que era a sede do Partido Socialista. Era uma portinha junto a Livraria Civilização Brasileira, mais tarde sede da VASP. Intelectuais, poetas, gente da Academia de Letras e políticos aí se reuniam, enquanto moças casadouras, senhoras da sociedade e até a burguesia baiana desfilavam entre às 16 e 18:30 na rua famosa. Naquela época, havia um espírito na cidade: comentários, anedotas e todos os fatos políticos eram imediatamente conhecidos na rua Chile, devidamente desdobrados e criticados. Hoje não existe mais isso – a cidade cresceu muito e perdeu esse espírito.”

Enquanto esteve na prisão, chegavam cartas e convites de várias Universidades francesas. O próprio Van der Haegen serviu de intermediário entre o governo francês e o Coronel Humberto Melo, responsável pelo 19 BC, segundo ainda Auto de Castro. Na véspera de São João, devido a um início de derrame, foi levado ao hospital e depois solto. Tentou ainda continuar sua vida de cidadão e de intelectual, mas o Brasil fechou-lhe as fronteiras. Em dezembro, conheceu uma das suas experiências mais dolorosas: deixar o Brasil, seu filho Miltoninho – o casamento já tinha terminado –, sua família, seus amigos, suas raízes. Partiu para a Universidade de Toulouse Le Mirail, onde seu “irmão” francês, prof. Bernard Kaiser, o esperava, tentando proporcionar-lhe um ambiente de trabalho favorável e oferecendo-lhe amizade de irmão. Mais tarde, na mesma Universidade, recebeu o título de Dr. Honoris Causa, o primeiro dos 20 que receberia durante toda a sua vida.

É preciso dizer que, embora afastado fisicamente, Milton esteve in-

telectual e emocionalmente ligado à Bahia, e foram muitos os trabalhos que aqui continuaram a se realizar sob sua orientação. As professoras Antônia Dea Erdens e, posteriormente, Tereza Cardoso da Silva, no Laboratório, continuavam o trabalho de Milton, dirigindo a equipe por ele formada.

De Toulouse, onde ficou por três anos, Milton Santos fixa-se em Bordeaux. Lá, entre os seus alunos, havia uma que se distinguia dos demais, Marie Hélène Tiercelin, que mais tarde viria a ser sua mulher, nos últimos quase trinta anos, mãe de seu segundo filho, Rafael. Marie Hélène foi um marco em sua vida pessoal e intelectual. Proporcionou-lhe, no ambiente de trabalho, a paz, a tranqüilidade e o equilíbrio necessários ao seu mister de grande pensador. E, sendo geógrafa, trocava com ele idéias de trabalho, além de ter feito as traduções de vários de seus livros. Observa-se que a fase de grande produção intelectual de Milton começou em início de 70, com Marie Hélène.

A partir de 1964, também começa a sua longa trajetória pelo mundo. De Bordeaux, onde fica durante um ano vai para Paris, onde convive com amigos franceses, entre os quais Michel Rochefort, Jacqueline Beaujeu-Garnier, Pierre George, Guy Lassère, George e Niki Coutsinas, Oliver Doffus, Jacques Levi e brasileiros entre os quais Miota e Luís Navarro de Brito, Miguel Arraes, Celso Furtado, além de alunos brasileiros que se encontravam cursando o doutorado nas diversas universidades francesas. Para a Venezuela, onde foi contratado para estudar Caracas no programa “Venezuela Hoje”, financiado pelo governo da Venezuela e pela ONU, segundo informações da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Antônia Dea Erdens, leva consigo alguns colaboradores: dois brasileiros, a própria Antônia Dea e Lícia do Prado Valadares, e duas francesas: prof<sup>a</sup> Hélène Lamicq – hoje reitora da Universidade de Paris XII (FR) – e Marie Hélène Tiercelin. Antes de seguir para Toronto, casa-se, no Haiti, em 1972, com Marie Hélène. Viajam, assim, para a Universidade Politécnica de Lima (1973), Dar-es-Salaam (1974-1976), onde se torna amigo do então presidente Nyerere. Daí segue para a Universidade de Columbia (NY 1976-1977) e volta à Venezuela (1975-1976). Foi também professor pesquisador durante dois anos do Massachusetts Institute of Technology, Cambridge (1971-1972), quando então é convidado para fundar um Laboratório de Geografia na Nigéria, África, em 1977.

Marie Hélène está grávida de Rafael. Como um presente para Milton, para que seu filho nascesse baiano, Marie Hélène decide vir à Bahia. Era o pretexto que ele precisava para voltar em definitivo ao Brasil, já que as duas vezes que aqui esteve, antes de 1977 – uma das quais para a SBPC e a convite da Prof<sup>a</sup> Maria de Azevedo Brandão – foram passagens rápidas. Durante os treze anos fora do país, estruturou a base do pensamento que

analisa o impacto social provocado pelo desenvolvimento urbano político e econômico. Milton volta, conhecido e admirado mundialmente, já com várias obras publicadas. Trazia um novo livro que iria revolucionar a Geografia pelos seus conceitos, *Por uma Geografia Nova*, dedicado a Lígia Ferraro, sua amiga, morta prematuramente. O lançamento do livro aconteceu na Livraria Civilização Brasileira da Avenida Sete, nas Mercês. No mesmo ano, professor Milton enche um auditório do Instituto de Geociências da UFBA, com cerca de 200 pessoas vindas de todas as partes da Bahia e do Brasil num curso de extensão sobre "A Cidade Mundial de Nossos Dias". Nasce Rafael, em julho de 1977.

A UFBA, entretanto, não se interessa por reintegrá-lo como professor. Em anos anteriores, vários reitores foram procurados para que trouxessem Milton do seu exílio. Algumas promessas foram feitas, em vão. A UFBA, em 1977, continuou em silêncio, assim como as demais universidades do Brasil, com exceção do Rio Grande do Sul. Milton Santos vai para o Sul, trabalha entre São Paulo e Rio de Janeiro como consultor. Em São Paulo, é convidado por sua amiga Maria Adélia Aparecida de Souza, na época coordenadora de Ação Regional do governo Paulo Egydio Martins, como consultor, enquanto não conseguia uma função na Universidade. Em 1979, vai para o Rio de Janeiro onde é contratado como professor assistente. Continuou realizando trabalhos esporádicos. Foram anos difíceis, pelo fato de não saber o que lhe reservava o futuro, para ele e sua pequena família. Finalmente, em 1984, com o apoio de jovens professores, submete-se ao concurso para titular na USP. Foi fundamental, nesse momento, o apoio dos amigos Maria Adélia Souza e Araújo Filho, da mesma forma que a Professora Maria do Carmo tinha sido, na UFRJ. Na USP, manteve um grupo de pesquisadores nos mesmos moldes do antigo Laboratório de Geomorfologia, os quais continuam até hoje. A partir daí, a carreira brilhante de Milton Santos começou a decolar no Brasil, apesar de já ser conhecido no mundo inteiro. Os convites do exterior continuaram.

Foi professor visitante da Universidade de Stanford, na Cátedra de Joaquim Nabuco (97-98). Foi Diretor de Estudos em Ciências Sociais, Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (Paris 1998). Consultor das Nações Unidas, OIT, OEA e UNESCO. Consultor junto aos governos da Argélia e Guiné Bissau. Consultor junto ao Senado Federal da Venezuela para questões metropolitanas. Membro do comitê assessor do CNPq e ex-coordenador da Comissão de Coordenação dos Comitês Assessores do CNPq (82-85). Coordenador da área de Arquitetura e Urbanismo da FAPESP (Fundação para o Amparo a Pesquisa no Estado de São Paulo, 91-94). Membro da Comissão de Alto nível do Ministério da Educação, encarregada de estudar a situação de ensino no país (98-90). Membro da

comissão especial da Assembléia Constituinte do estado da Bahia, encarregado de redigir um ante-projeto de Constituição Estadual (89). Presidente da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (ANPUR 91-93). Presidente da Associação de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (ANPEGE 93-95).

Em 1994, recebeu o Prêmio Internacional Vautrin Lud, correspondente ao Nobel da Geografia, tendo como proponente o professor Jorge Gaspar, da Universidade de Lisboa. Costumava dizer que, a partir desse prêmio, a mídia brasileira lhe abria as portas. Recebeu-o na pequena cidade de Saint-Dié des Vosges, coincidentemente na região da cidade de Strasbourg onde havia defendido, na década de 50, o seu doutorado. Pela primeira vez na história desse prêmio, ele era outorgado a um geógrafo que não era nem francês nem norte-americano.

Milton Santos recebeu ainda mais de duas dezenas de medalhas, tais como: Medalha de Mérito, Universidad de La Habana, Cuba, 1994; Colar do Centenário (Conjunto de Obra em Geografia) Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 1997; Ordem 16 de setembro – Primeira Classe, Estado de Mérida, Venezuela, 1998; 11ª Medalha Chico Mendes de Resistência, Grupo Tortura Nunca Mais, Rio de Janeiro, 1999; Medalha do Mérito, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 1999, entre outras. Dentre os prêmios destacam-se: Vozes Expressivas do Final do Milênio, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1997; Personalidade do Ano, Instituto de Arquitetos do Brasil, Rio de Janeiro, 1997; Homem de Idéias, 1998, Caderno Idéias, Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 1998; O Brasileiro do Século, Revista Isto É, 1999 (laureado na categoria Educação, Ciência e Tecnologia, entre 20 personalidades); Prêmio Jabuti (melhor livro de Ciências Humanas) 1997, com *A natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção*, Hucitec, São Paulo, 1996; prêmio UNESCO na categoria Ciência, 2ª edição, Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, Brasília, 2000. Seu último prêmio foi o Multicultural Estadão Cultura, em junho de 2000, concorrendo com inúmeras personalidades e sendo votado por milhares de brasileiros. Numa cerimônia carregada de emoção e beleza, disse: "*Considero a indicação do prêmio Multicultural Estadão Cultura como um presente expressivo que coroa, de alguma forma, o meu trabalho intelectual [...] Meu desejo secreto, o desejo dos pensadores, e é difícil confessá-lo, é que o seu trabalho possa ter alguma repercussão, sobretudo quando ele ultrapassa os limites da sua própria área e da universidade. O fato de seu trabalho ter uma visibilidade em camadas mais amplas da sociedade dá ao seu autor, não a certeza que ele tenha o aplauso geral, mas um certo conforto de ver que o seu discurso não é um discurso fechado. Agradeço a todos que votaram em mim, aos meus amigos e ofereço esse prêmio a todos os brasileiros que tanto esperam de seus intelectuais.*"

Entre 1980 e 2000, Milton recebeu vinte títulos de Dr. Honoris Causa de Universidades do Brasil, da América Latina e da Europa. Publicou mais de quarenta livros e mais de 300 artigos em revistas científicas, em português, francês e espanhol e inglês. Seu último livro, publicado em 2001 pela editora Record, foi: *O Brasil: Território e Sociedade no Início do Século XXI*. Organizou diversos livros, números especiais de revistas científicas em português, francês e inglês. Fez pesquisas e conferências em diversos países, dentre os quais: Japão, México, Colômbia, Costa Rica, Índia, Argentina, Uruguai, Tunísia, Argélia, Costa do Marfim, Benin, Togo, Gana, Panamá, Nicarágua, Espanha, Portugal, República Dominicana, Cuba, Estados Unidos, França, Tanzânia, Venezuela, Peru, Inglaterra, Suíça, Bélgica, Senegal e Itália. Concedeu inúmeras entrevistas à mídia falada e escrita, a entidades diversas, a estudantes etc.

Em 1996, para os seus 70 anos, amigos se reuniram para prestar-lhe uma homenagem, num Seminário Internacional, em São Paulo, denominado **O mundo do Cidadão. Um cidadão do mundo**. Nessa ocasião, foi lançado um livro com o mesmo nome, com depoimentos de 67 intelectuais e amigos de todas as partes do mundo, acolhidos na ocasião pela USP, entre os quais, Manoel Correia de Andrade, Maurício Abreu, Aurora Garcia Ballesteros, Paul Claval, Leila Dias, Inês Costa Ferreira, Octavio Ianni, Rosa Ester Rossini, Armen Mamigonian, Joaquim Bosque Maurel, Rui Moreira, Aldo Paviani, Richard Peet, Ana Clara Torres Ribeiro, Teresa Barata Salgueiro, David Slater, Neil Smith, Marlene d'Aragão Carneiro, Teresa Cardoso da Silva, José Estebanez Alvarez, Jacques Lévy, Creuza Santos Lage, Neyde Maria Gonçalves, Sílvio Dvorecki, Saskia Sassen, Maria Azevedo Brandão, Délio Ferraz Pinheiro, Carlos Reboratti, Graciela Ortega, Daniel Hiernaux-Nicolas, Jorge Gaspar, Pedro Geiger, Carles Carrera, Adir Rodrigues, Ana Fani Carlos, Pablo Ciccolella, José Borzacchello, José Estebanez Álvarez, Miguel Panadero, Ana Maria Gicochea, Terence McGee, Germán Wettstein, Maria Auxiliadora da Silva, Remy Knafou, Pedro Vasconcelos e Sílvio Bandeira de Melo entre muitos outros. A Prof<sup>ª</sup>. Maria Adélia Aparecida de Souza e o grupo de jovens mestrandos e doutorandos do Prof<sup>º</sup>. Milton Santos na USP, organizaram a cerimônia. O livro foi organizado pela Prof<sup>ª</sup>. Maria Adélia de Souza, que contou com a colaboração dos Profs. George Benko, de Paris-Sorbonne; Hélène Lamicy da Universidade Paris XII, Milton Santos Filho da Faculdade de Economia da UFBA; Luiz Cruz Lima da Universidade do Ceará e Maria Auxiliadora da Silva da UFBA. Esta cerimônia marcou o reconhecimento pleno da importância do Milton Santos.

Segundo Maria Adélia de Souza, "Milton foi exilado político. Mas, como poucos não tira proveito disso, exerce vivamente a ética na política. Jamais se comportou como vitrine do regime militar [...] Sofreu todas

as dificuldades para se estabelecer e sobretudo, reingressar na vida e nas universidades brasileiras. Apesar das vicissitudes, procura exercer o seu labor e construir, aí sim, um profundo pensamento teórico e político que o Brasil e os brasileiros necessariamente, aos poucos estão tendo de conhecer e admirar. Milton se instala, não como herói que volta carregado nos braços do povo mas, difícil, cautelosa e profundamente vai se impondo como um dos principais pensadores e intelectuais brasileiros, com um pensamento e uma posição política profundos e inarredáveis. No exílio, se dedica obstinadamente aos estudos. É aí que fundamenta, sem dúvida nenhuma, sua obra posterior."

Além das universidades francesas, americanas e latino-americanas, da África e da Ásia, Milton Santos colaborou ainda com a Complutense de Madrid, de Barcelona e de Lisboa.

Na trajetória de Milton Santos é importante lembrar sua disponibilidade para com os amigos, para com os jovens, seu interesse por eles, sua percepção aguçada que fez de cada um que privou de sua amizade, sentir-se o único. Essa afeição também atingiu amigos como Octávio Ianni, Gervásio Neves e Michel Patty, Joaquim Bosque Maurel, Paul Claval, Jacques Hubschman. Estar ao lado do Prof<sup>º</sup> Milton Santos traz a segurança de estar perto da sabedoria. Sua presença é forte e ao mesmo tempo suave e sua energia, vontade e alegria são contagiantes.

Muitas vezes, ao geógrafo sobrepõe-se o homem. Um homem firme, corajoso, terno, generoso e aberto para a tranqüila aventura poética da amizade. Quem conviveu com Milton Santos aprendeu a resistir e a enfrentar desafios.

Em 24 de junho de 2001 a saudade toma o lugar de sua presença generosa, do seu sorriso aberto, de sua fala firme e suave, ficando a certeza de termos convivido com quem soube, mais do que ninguém, defender a construção de um mundo mais humano.

Salvador, setembro de 2001